

Mar não está pra peixe

Pesquisa mostra a extinção de espécies de peixes no Estado, que já está prejudicando mais de 10 mil pescadores capixabas. Confira os dados

RADIOGRAFIA DA PRODUÇÃO

A produção de pescado no Estado é de **16 mil toneladas/ano** (dados de 2004)

O total do pescado no Estado é composto por cerca de **100 espécies**, algumas com produção muito pequena

Municípios que se destacam

Itapemirim
3,5 mil toneladas

Anchieta
2,7 mil toneladas

Camarão sete barbas
863 toneladas

Dourado
2,63 mil toneladas

Peroá
1,7 mil toneladas

Atum
1,77 mil toneladas

Número de pescadores cadastrados
10.880

Espécies mais exportadas:



Espécies mais capturadas



A maioria dos barcos tem condições de se deslocar a uma distância de **até 12 milhas**



A maior embarcação tem 17 metros e opera a uma distância de **até 20 milhas**



O grande desafio é como manter os estoques pesqueiros em um patamar de recuperação e manter a produção para atender a demanda do mercado interno e externo

DADOS DO REVIZEE

O Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva (Revizee), foi realizado no período de 1996 a 2006

O trabalho de dez anos, para o Ministério do Meio Ambiente, foi realizado por mais de 300 profissionais de 60 universidades e instituições de pesquisa, e recebeu investimentos de **R\$ 32 milhões**

A conclusão do estudo foi que 80 dos recursos pesqueiros do Brasil estão em situação de sobrepesca, ou seja, a quantidade retirada do mar é maior do que a capacidade de recomposição das espécies

Da mesma forma os atuns, marlins, espadartes e outros de elevado valor no mercado internacional estão no limite da exploração sustentável

A produção pesqueira caiu muito nas últimas três décadas. No final dos anos **70, 200 mil toneladas do peixe** eram retiradas do Sudeste. Em 2000, a produção caiu para 20 mil toneladas

Na costa do Espírito Santo foi constatado que não existe potencial para a expansão da pesca. A região é pobre na produção de plâncton que alimenta as várias espécies

O estudo indica que os estoques existentes precisam ser bem gerenciados para servir a um grande número de pessoas

Espécies encontradas no limite das 200 milhas, como peroá, camarão e lagosta, estão com estoques reduzidos

Espécies como badejo, cioba, dentão, que são pescadas em alto mar também estão com estoques bastante explorados

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

MEIO AMBIENTE RELATÓRIO MOSTRA UM QUADRO EM QUE A QUANTIDADE RETIRADA DO MAR É MAIOR DO QUE A CAPACIDADE DE RECOMPOSIÇÃO DAS ESPÉCIES

Redução dos estoques de peixe compromete pescaria artesanal

Atividade enfrenta crise no Estado: não há chance de expansão nos próximos anos

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

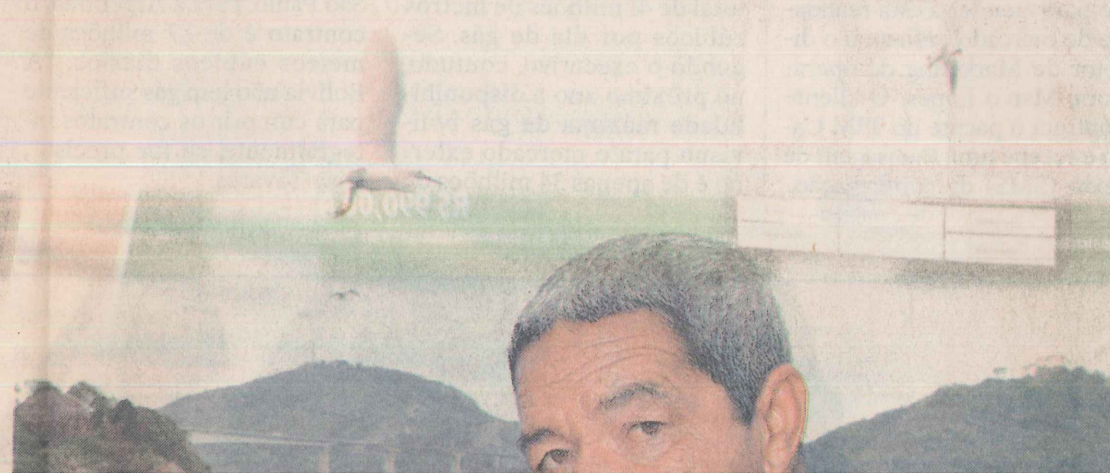
No Espírito Santo são 10.880 os pescadores artesanais cadastrados neste ano. Eles e suas famílias são os mais atingidos

da biodiversidade marinha, é resultado de dez anos de trabalho, realizado por mais de 300 profissionais de 60 universidades e instituições de pesquisa. O custo foi de R\$ 32 milhões.

No Espírito Santo, o estudo foi coordenado pelo oceanógrafo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Agnaldo Silva Martins. Conforme o professor, uma das constatações foi a de que não existe potencial para a expansão da pesca. "Os pesqueiros existentes já são explorados, estão no limite; e não foram encontrados

ram descobertas novas espécies, mas que não apresentam viabilidade de exploração econômica pela quantidade reduzida do estoque, de demandaria investimento elevado, resultando em custo elevado.

Espécies como peroá, camarão, lagosta e robalo estão com os estoques em situação crítica, aponta o estudo. Estas espécies são mais capturadas na faixa mais próxima à costa, de até 200 milha, no chamado mar territorial. Estoques reduzidos também de badejo, cioba e dentão.



Crise no Estado: não há chance de expansão nos próximos anos

RITA BRIDI

rbridi@redgazeta.com.br

No Espírito Santo são 10.880 os pescadores artesanais cadastrados neste ano. Eles e suas famílias são os mais atingidos com a redução dos estoques do pescado na costa capixaba. “Se não for feito nada, em 15 a 20 anos a situação estará muito pior. E hoje já é ruim, se comparada com dez anos atrás”, destaca o chefe do escritório regional da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca (Seap), Cledson de Souza Felipe.

A constatação da redução dos estoques de peixes e a confirmação de que não há possibilidade de expansão da pesca está no relatório do Revizée Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva, divulgado recentemente pelo Ministério do Meio Ambiente.

Segundo o relatório, 80% dos estoques pesqueiros do país estão em situação de sobrepesca. Um quadro em que a quantidade retirada do mar é maior do que a capacidade de recomposição das espécies. O documento, que gerou dados científicos já apurados para a gestão

lho, realizado por mais de 300 profissionais de 60 universidades e instituições de pesquisa. O custo foi de R\$ 32 milhões.

No Espírito Santo, o estudo foi coordenado pelo oceanógrafo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Agnaldo Silva Martins. Conforme o professor, uma das constatações foi a de que não existe potencial para a expansão da pesca. “Os pesqueiros existentes já são explorados, estão no limite; e não foram encontrados novos potenciais”, explicou.

ESPÉCIES. Os estudos, destaca Martins, apontam que os estoques de pescado “estão no limite de exploração sustentável e se não for feito um controle da atividade pode haver um colapso”. E colapso nos estoques pesqueiros significa falta de trabalho para os pescadores, principalmente para os artesanais.

Outro ponto que contribui para agravar a situação é que grande parte da costa do país, incluindo o trecho do Espírito Santo, é pobre na produção de plâncton, principal reserva alimentar dos ecossistemas marinhos.

Em toda a costa brasileira fo-

viabilidade de exploração econômica pela quantidade reduzida do estoque, de demandaria investimento elevado, resultando em custo elevado.

Espécies como peroá, camarão, lagosta e robalo estão com os estoques em situação crítica, aponta o estudo. Estas espécies são mais capturadas na faixa mais próxima à costa, de até 200 milha, no chamado mar territorial. Estoques reduzidos também de badejo, cioba e dentão.

“Eu construí minha casa e criei meus filhos com o dinheiro da pesca. Hoje, não dá mais para fazer isso”

ALMIRO DE FREITAS
Pescador há 25 anos

Os peixes de bico (atum, marlim, espadarte e outros), de elevado valor no mercado internacional, que são capturados pelos barcos industriais, os de grande porte, também estão com seus estoques bastante explorados. O Revizée, conforme explicou Martins, não indica o prazo em que poderia ocorrer o colapso dos estoques, mas aponta a necessidade urgente de gerenciamento dos recursos.

Produzir e exportar é o grande desafio

Entidades discutem alternativas urgentes para garantir trabalho aos pescadores

RITA BRIDI

Como manter os estoques pesqueiros em um patamar de recuperação e manter a produção capaz de suprir a demanda do país e também exportar. Esse é o grande desafio para os órgãos que definem as ações para o setor de pesca no país.

A questão foi levantada pelo chefe do escritório regional da Secretaria Especial de

Pesca e Aqüicultura (Seap), órgão ligado à Presidência da República, Cledson de Souza Felipe. Ele acredita ser possível fortalecer a pesca como atividade econômica de forma sustentável.

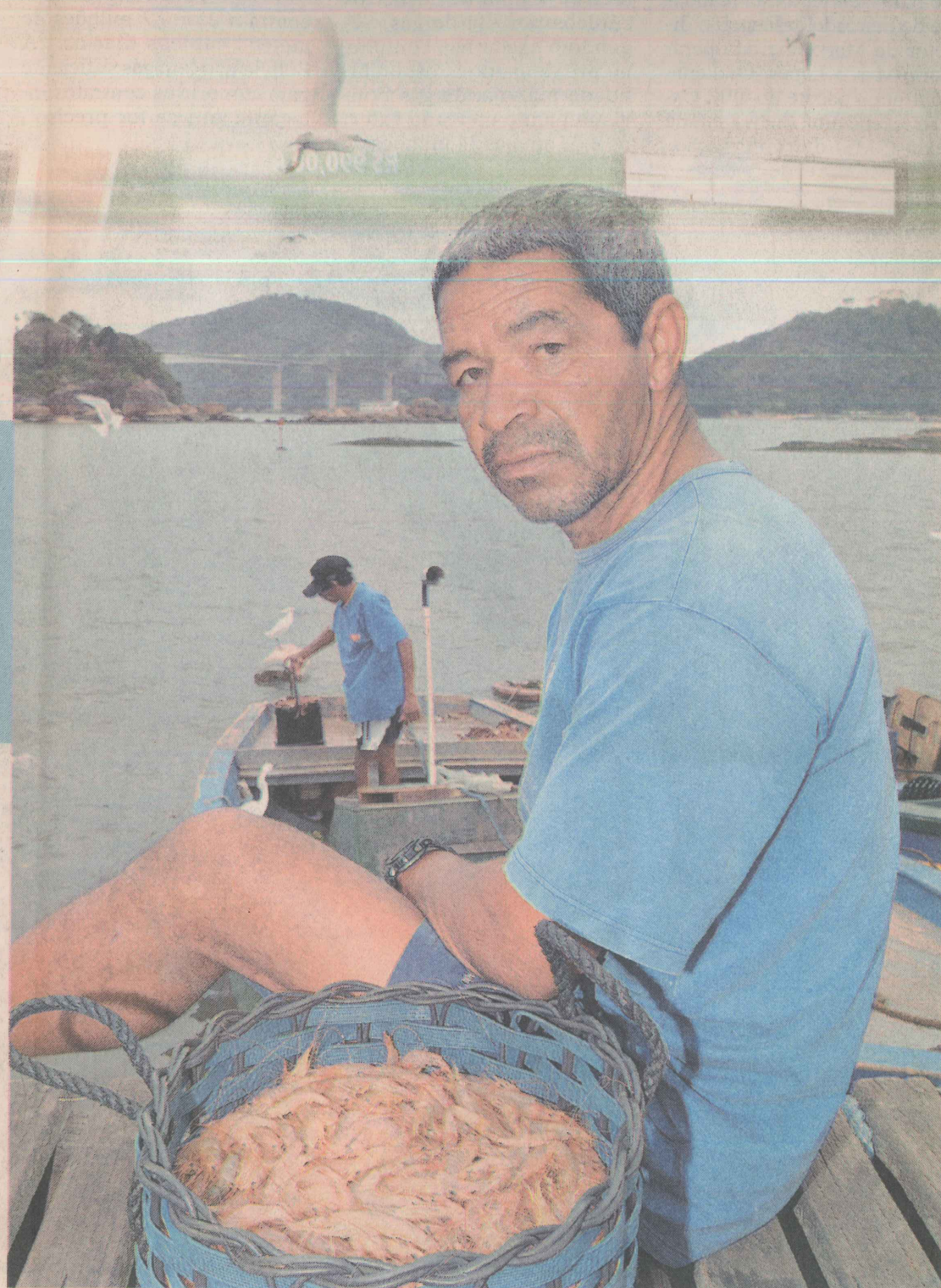
De um lado a Seap, com a responsabilidade de fomentar a atividade pesqueira. Do outro lado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), com a responsabilidade de fiscalizar a atividade e controlar os estoques pesqueiros.

Na avaliação do oceanógrafo e professor da Ufes, Agnaldo Silva Martins, há conflitos nas ações dos dois órgãos, e

o ideal é que haja harmonia na implementação das suas políticas. Ele destaca é preciso o gerenciamento dos recursos para garantir trabalho para os pescadores.

O secretário-executivo da Câmara de Ordenamento de Pesca e Recursos Vivos Marinhos, Nilamon de Oliveira Leite Júnior, destaca que a câmara é o fórum de discussão e ordenação para tornar a pesca sustentável.

O peroá, por exemplo, está escasso em toda a costa. E, para evitar que ocorra o mesmo com outras espécies, estão em elaboração várias medidas para disciplinar a pesca e evitar o colapso dos estoques.



Pesca do camarão é a saída

Ainda assim, a quantidade também não é tão farta no mar capixaba como antes

DANI COSTA

O pescador Almiro de Freitas trabalha na baía de Vitória há 25 anos. Hoje ele vive da pesca do camarão, mas já teve bons tempos de muito peixe na rede. “Eu construí minha casa e criei meus filhos com o dinheiro da pesca. Hoje, não dá mais para fazer isso,

dá apenas para manter o pouco que temos”, conta.

O pescador diz que o mar já não tem tantos peixes como antigamente, o que o obrigou a ganhar a vida com a pesca de camarão. “Não tem mais aquelas pescas fartas como antes. Acho que é porque tem muito barco concorrendo, e a gente tem que pescar por aqui mesmo, não dá para ir muito longe”, conta Almiro.

Para aumentar o potencial da pesca, os colegas pescadores da região da Praia do Suá preferem mergulhar a ter que usar a linha. E quem pode, in-

veste em material melhor. “De linha dá para pegar dois peixes, enquanto no mergulho dá para pegar cinco peixes. Com uma boa rede e um barco que arraste bem no fundo, fica mais fácil também”, explica o pescador.

O camarão foi a opção para fugir da falta de peixes, mas mesmo assim, a quantidade encontrada diminui cada vez mais. “Eu mato no máximo 30 quilos de camarão, quando dou muita sorte. Este ano ainda não aconteceu isso. Há uns cinco anos eu matava uns 80 quilos”, lembra Almiro.